TELEFONISTA: Qual é a emergência?

ALGUÉM: Estou ao pé do aeroporto… estou a ver… Ó meu Deus!

TELEFONISTA: Pode confirmar a sua localização, por favor?

ALGUÉM: O aeroporto. Há um avião… deu a volta. Está a descer muito depressa. Ó meu Deus, ó meu Deus!

TELEFONISTA: Os serviços de emergência já vão a caminho.

ALGUÉM: Mas vai ser demasiado tarde… é [inaudível]. Vai cair, vai cair…

TELEFONISTA: Pode confirmar se está a uma distância segura?

ALGUÉM: … [inaudível]

TELEFONISTA: Está tudo bem consigo?

ALGUÉM: Caiu. caiu mesmo, ó meu Deus, está a arder…

TELEFONISTA: As unidades de bombeiros vão chegar ao local em menos de um minuto. As ambulâncias também. Está alguém consigo?

ALGUÉM: O avião está a deitar fumo… está… [inaudível]. Ó meu Deus, explodiu qualquer coisa… é como se fosse uma grande bola de fogo…

TELEFONISTA: As equipas de bombeiros já chegaram ao local…

ALGUÉM: Quase que já nem vejo o avião, é só fumo e chamas. É demasiado tarde. Demasiado tarde. Ninguém vai sair dali vivo.

PRÓLOGO

Não corras, vais cair...

Depois do parque, subindo a colina. Espera pelo homem verde, ainda não, ainda não...

Agora!

O gato à janela. Parece uma estátua. Só o movimento da ponta fininha do rabo. A rodar, a rodar, a rodar.

Outra rua para atravessar. Não há homem verde, nem a senhora do chupa-chupa – ela devia estar aqui...

Olha para os dois lados. Ainda não, ainda não...

Agora!

O marco do correio, depois o poste de iluminação, depois a paragem de autocarro e depois o banco do jardim.

A escola grande, não é a minha escola, ainda não...

A livraria, depois a loja vazia, depois a imobiliária onde vendem casas.

Agora vê-se o talho, na montra há aves penduradas pelo pescoço. Fecho os olhos com força para não ter de ver os olhos delas a olhar para mim.

Mortos. Todos mortos.

PRIMEIRA PARTE

UM

8H30 | MINA

— Para com isso, vais cair.

O equivalente a uma semana de neve tinha-se transformado em gelo duro, perigos diários escondidos sob o pó da noite. A cada poucos metros, as minhas botas viajam mais longe do que as intenções dos meus pés, e o meu estômago contrai-se na expectativa de uma queda. Avançamos pouco, eu devia ter pensado em trazer a Sophia no trenó.

Relutantemente, a Sophia abre os olhos e roda a cabeça, parece um mocho, na direção oposta às lojas, esconde o rosto na manga do meu casaco. Aperto-lhe a mãozinha enluvada. Ela detesta os pássaros pendurados na montra do talho, com as iridescentes penas do pescoço numa discordância cruel com os olhos sem vida que, supostamente, enfeitam a vitrina.

Eu também detesto as aves.

O Adam diz que eu lhe passei a fobia, tal como uma constipação, ou uma joia que já não se deseja.

— Se não, de onde é que isso lhe vem? — perguntava ele, quando eu protestava. Levantava as mãos e virava-se para uma multidão invisível, como se a ausência de uma resposta demonstrasse o seu ponto de vista. — Não é de mim.

Claro que não. O Adam não tinha pontos fracos.

— Sainsbury's — diz a Sophia, ao olhar para trás na direção das lojas, já a salvo dos pássaros. Ela ainda pronuncia *thainsbweez*, tão fofa que me estremece o coração. É a momentos como este que eu dou valor, fazem que tudo valha a pena.

A sua respiração faz pequenas nuvens de vapor no ar.

— Agora a sapataria. Agora a-a-a... — Vai puxando pela palavra, sustendo o próximo som na boca até chegar a altura certa. — ... loja de frutas e vegetais — declara, enquanto passamos mesmo em frente da *Fwoot and Veg*. Meu Deus, eu adoro esta miúda. Adoro mesmo.

O ritual começou no verão passado, quando a Sophia fervilhava de excitação e de nervos por causa do começo das aulas, as perguntas brotavam em cada respiração. Como é que seria a professora? Onde é que iam pendurar os casacos? Ia haver pensos rápidos para o caso de magoarem os joelhos? *E diz-me outra vez, como é que se chega lá?* E eu repassava tudo com ela: sobe-se a colina, atravessa-se uma rua, depois outra, depois vai-se pela rua principal. Passamos a paragem de autocarro ao pé da escola secundária, depois vamos ao longo do passeio onde estão a livraria, a agência imobiliária e o talho. Dobramos a esquina que dá para o Sainsbury's. Há a sapataria, a loja de frutas e vegetais, passa-se a esquadra da polícia, a igreja, e *já chegámos*, dizia-lhe eu.

Tem de se ter paciência com a Sophia, o Adam tem dificuldade em lidar com isso. Tem de se lhe dizer as coisas uma e outra vez. Assegurá-la de que nada mudou, de que nada *irá* mudar.

Eu e o Adam fomos juntos levá-la, no seu primeiro dia, em setembro. Cada um de nós pegou-lhe na mão, balouçando-a no meio dos dois, como se ainda fôssemos uma família a sério, e sentia-me contente por ter uma desculpa para as lágrimas que me espicaçavam os olhos.

— Ela há de ir-se embora sem olhar para trás, vais ver — disse a tia Mo, vendo a minha cara ao sairmos de casa. Ela não é realmente nossa tia, mas «Senhora Watt» é demasiado formal para chamar a uma vizinha que faz chocolate quente e se lembra dos aniversários.

Esforcei-me por lhe sorrir de volta.

— Eu sei. É absurdo, não é?

Era absurdo desejar que o Adam ainda vivesse connosco. Era absurdo pensar que aquele dia não fosse mais do que uma representação encenada para o bem da Sophia.

A Mo agachou-se para sorrir à Sophia.

— Tem um bom dia, vai, minha flor.

— O vestido faz-me comichão. — Soltou a pequena com uma careta que Mo não conseguiu ver.

— Que bom, querida.

A Mo costuma andar com o aparelho auditivo desligado para poupar pilhas. Quando eu a quero visitar, tenho de me empoleirar no canteiro de flores ao pé da janela da sala de estar e acenar até ela me ver. *Devias ter tocado à campainha!* Diz ela sempre, como se eu não o tivesse estado a fazer nos últimos dez minutos.

— E agora? — perguntei eu à Sophia, naquele primeiro dia, ao passar pela frutaria, a ansiedade escorria dos seus dedos para os meus.

— A esquadra da polícia! — respondeu ela triunfantemente. — A esquadra de polícia do papá.

Não é onde o Adam trabalha, mas isso pouco lhe importa. Todos os carros da polícia que ela vê são *o carro do papá*, todos os polícias fardados são *amigos do papá*.

— A seguir, vamos subir a colina.

Ela lembrava-se de tudo. No dia seguinte acrescentou alguns pormenores — coisas que eu não tinha visto, em que não tinha reparado. Um gato num parapeito, uma cabina telefónica, um caixote do lixo. Os comentários foram-se tornando uma parte habitual do seu dia a dia, tão essenciais para ela como abotoar a bata da escola na ordem certa (de cima para baixo), ou ficar em pé com uma perna encolhida enquanto lava os dentes, mudando de perna quando muda de lado. Dependendo do dia, esses rituais ou me encantam ou me dão vontade de gritar. Em poucas palavras, é a isso que se chama educar.

O início da escola tinha marcado o fim de um capítulo e o começo de outro, nós tínhamo-nos preparado para a transição pondo a Sophia no pré-escolar no ano anterior, três dias por semana. No resto dos dias ficava em casa comigo ou com o Adam, ou com a Katya, a nossa lindíssima *au pair*, que chegou com bagagem a condizer, mas sem saber inglês. Às quartas-feiras à tarde frequentava uma escola de línguas e aos fins de semana trabalhava como repositora no supermercado para aumentar os rendimentos. Após seis meses declarou que éramos *a família mais simpática do mundo*

e pediu para ficar durante mais um ano. Perguntei-lhe diretamente se haveria um namorado e o súbito rubor no seu rosto sugeriu que eu estaria certa, apesar de ter sido muito reservada acerca da identidade da pessoa.

Eu fiquei encantada — e aliviada. Com o Adam e os meus horários de trabalho era impossível levar a menina a um infantário, e nós nunca poderíamos pagar uma *baby-sitter* como aquelas que muitas das minhas colegas tinham. Ficara preocupada com o facto de poder resultar invasivo ter uma estranha a viver na nossa casa, mas a Katya passava a maior parte do tempo no seu quarto, a falar pelo Skype com os amigos lá da sua terra. Também gostava mais de comer sozinha, apesar de insistentemente a convidarmos para se juntar a nós, e ainda arranjava maneira de se tornar útil na lida da casa, varrendo o chão ou organizando a roupa para meter na máquina, apesar de eu lhe dizer que ela não tinha de o fazer.

— Tu estás aqui para ajudar com a Sophia e para aprender inglês.

— Não me importo — respondia. — Eu gosto de ajudar.

Um dia cheguei a casa e encontrei vários pares de meias do Adam na nossa cama, tão bem remendados que não se viam os buracos que ele faz no calcanhar de todas as meias que usa.

— Onde aprendeste a fazer isso? — Eu mal sabia coser um botão e fazer uma bainha — embora malfeita — mas cerzir era território de dona de casa a sério, e a Katya ainda não tinha sequer vinte e cinco anos.

Ela encolheu os ombros como não tivesse qualquer importância.

— A minha mãe ensinou-me.

— Francamente, não sei o que faria sem ti.

Eu estava a conseguir fazer mais turnos no meu trabalho, sabendo que a Katya estava disponível para se deslocar à escola, e que a Sophia a adorava, o que não era de maneira nenhuma de estranhar. A Katya tinha uma paciência interminável para jogar às escondidas, e a Sophia, à medida que o tempo passava, ia encontrando sítios cada vez mais rebuscados para se esconder.

— Já estou a ir, estejas ou não preparada! — gritava Katya, cada palavra recém-aprendida era pronunciada cuidadosamente, antes de

espreitar por toda a casa à procura da investida final. — Dentro do armário dos sapatos? Não... E se for atrás da porta da casa de banho?

— Isso não me parece lá muito seguro — disse eu, quando a Sophia apareceu escada abaixo para me dizer vitoriosamente que a Katya não a tinha conseguido encontrar toda enroscada no roupeiro. — Não te quero escondida em nenhum sítio onde possas ficar presa.

A Sophia lançou-me uma careta antes de se ir embora a correr para um novo desafio com a Katya. Eu deixei-a ir. O meu pai repreendia-nos frequentemente, a mim e ao Adam, por sermos pais demasiado protetores, tantas vezes quantas eu lhe pedia para não ser tão *deixa-andar*.

— Ela vai cair — dizia eu, mal conseguindo olhar enquanto ele a incentivava a subir às árvores ou a andar em cima de pequenas pedras oscilantes para atravessar um riacho.

— É assim que se aprende a voar.

Eu sabia que ele tinha razão e lutava contra os meus instintos para não tratar a Sophia como se fosse um bebé. Além disso, ela florescia quando se metia em aventuras e adorava sentir-se tratada como uma «menina crescida». A Katya percebera isso instintivamente e a ligação entra as duas tinha crescido depressa. A capacidade da Sophia para tolerar mudanças — especialmente de pessoas — continua a ser um trabalho a desenvolver, daí o meu alívio quando a Katya decidiu continuar na nossa casa. Eu tinha medo das consequências da sua partida.

Aconteceu subitamente em junho, poucas semanas depois de a Katya ter pedido para ficar, algumas semanas depois de eu ter começado a relaxar. A cara dela estava manchada de lágrimas, tinha feito as malas a correr, enchendo-as com roupa húmida que ainda estava no secador. Seria por causa do namorado? Ela não olhava para mim. Teria eu feito alguma coisa?

— Vou-me embora agora mesmo. — Foi tudo o que ela disse.

— Por favor, Katya, seja lá o que for, vamos falar disso.

Ela hesitou e, nessa altura, eu vi-a olhar para o Adam. Tinha uma expressão zangada e magoada e eu voltei-me mesmo a tempo de o ver a abanar a cabeça, como se lhe estivesse a dar instruções silenciosas.

— O que se passa? — Olhei para eles, um de cada vez.

O Adam tinha uma vez dito a brincar que no caso de haver um desentendimento entre mim e a Katya ele seria obrigado a pôr-se do lado da mais jovem.

— Uma boa *au-pair* não se substitui facilmente — disse ele.

— Engraçadinho.

— Diz-me se tu não fazias a mesma coisa.

Lancei-lhe uma careta fingida.

— Apanhaste-me.

— E então? — perguntei eu. Tinham discutido — isso era óbvio — mas a propósito de quê?

Em comum, eles só tinham a Sophia, a menos que contassem os filmes policiais que o Adam adorava e que eu detestava, e que eram a única coisa que atraía Katya para fora do seu quarto numa noite de sábado. Quando eu não estava a trabalhar, ia dar uma corrida e só voltava depois de fazer 10 quilómetros, ainda a tempo de os apanhar na escuridão, os emotivos créditos do filme e a ponta final das suas críticas.

Mas ninguém tinha discutido sobre histórias policiais.

— Pergunte-lhe a ele — cuspiu a Katya, da única vez que a vi não radiante. Ouviu-se o som de uma buzina lá fora — devia ser o táxi para o aeroporto — e, finalmente, ela olhou para mim. — A senhora é uma boa pessoa. Não merecia esta merda.

Qualquer coisa se estilhaçou dentro de mim, como uma fissura pequenina na ponta de um lago gelado. Quis fazer marcha-atrás, deixar o lago intacto, mas era demasiado tarde.

Craque.

Assim que ela saiu, voltei-me para o Adam.

— Então?

— Então o quê? — respondeu bruscamente, como se a minha pergunta, a minha própria presença, o irritasse, o chateasse. Como se eu tivesse culpa.

Concentrei-me naquele olhar que eu vira cruzar-se entre eles, nos olhos vermelhos da Katya e na sua advertência implícita. *A senhora não merecia esta merda*.

— Adam, eu não sou estúpida. O que é que se está a passar?

— Com quê? — Outra vez aquele som reprovador antes de falar, como se tivesse a cabeça em assuntos intelectualmente importantes e eu o estivesse a arrastar para outros perfeitamente irrelevantes.

— *Com a Katya*. — Eu falei da mesma forma com que algumas pessoas falam com estrangeiros. Tinha a sensação de ter entrado na vida de outra pessoa, nunca tinha precisado de ter uma conversa destas e nunca tinha pensado que poderia chegar a tê-la.

No momento em que se voltou para o lado para tratar de alguma coisa que não precisava de ser feita, vislumbrei as labaredas da culpa a lamber-lhe o pescoço. A verdade infiltrou-se-me na cabeça, como se fosse a solução de umas palavras cruzadas bem depois de já se ter deitado fora o jornal, e a minha boca formulou as palavras que eu não queria dizer.

— Dormiste com ela.

— Não! Meu Deus. Não! Meu Deus, Mina, é isso que tu pensas?

Todos os pedaços de mim queriam acreditar nele. Nunca me tinha dado motivos para duvidar. Amava-me e eu amava-o. Esforcei-me por manter a voz estável.

— O que esperas que eu pense? É óbvio que *alguma coisa* há entre vocês.

— Ela tinha deixado plasticina por toda a cozinha e eu repreendi-a. Vê-se que levou a peito, foi só isso.

Olhei para ele, para o seu rosto ruborizado com a petulância da sua aldrabice.

— Podias ao menos ter inventado uma desculpa plausível.

Não merecer o esforço de uma boa história magoa quase tanto como a mentira em si. Será que eu significava assim tão pouco para ele?

A partida da Katya provocou uma fenda na nossa família. A Sophia ficou furiosa, a perda repentina da sua amiga era como a morte de um ente querido, exteriorizada através de brinquedos partidos e fotografias rasgadas. Ela culpava-me, pela simples razão de ter sido eu a contar-lhe, e tive de me encher com toda a coragem e bravura para não lhe dizer que a culpa era do Adam. Eu e ele fechámo-nos

num círculo, eu, raivosa e ofendida, ele, taciturno e cheio de um *falso* ressentimento, concebido para me fazer duvidar de mim própria. Eu mantive-me firme. Se a Katya representava o enigma, agora que já o tinha resolvido via que as pistas eram tudo menos crípticas. Ao longo de vários meses, Adam não só se tinha mostrado vago acerca dos seus dias de folga, como também bastante protetor do seu telemóvel, ao ponto de o levar para a casa de banho enquanto tomava duche. Tinha sido uma parva por não me ter dado conta antes.

– Subimos a colina – diz Sophia. – Depois vem a igreja, depois o...

A minha mão aperta a dela, mas é tarde demais, os seus dedos escorregam para longe dos meus, ao mesmo tempo que os pés deslizam debaixo do corpo e a parte de trás da cabeça bate no chão. Os olhos abertos em estado de choque, depois vão-se fechando à medida que ela se dá conta de como está magoada, do medo que tem, da vergonha que sente. Eu interrompo toda essa evocação, deixo cair o meu saco e levanto-a do chão, esbarrando, por causa da minha atrapalhação, num homem que vinha em sentido contrário.

– Ups-upa! – disse eu, com o tom de uma *baby-sitter* desprovida de lamechice.

A Sophia olhou para mim, o lábio inferior a tremer de indignação, os olhos escuros à procura dos meus para avaliar o tamanho da sua desgraça. Eu sorrio, para lhe mostrar que não foi nada, e inclino a cabeça para trás até ver as nuvens no céu.

– Estás a ver o cão? Está em pé. Vês a cabeça, ali? E o rabo?

Ela não vai chorar. Ela nunca chora. Em vez disso fica irritada, guinchos mal articulados atribuem-me a culpa, a culpa é sempre minha. Ou então corre para o meio da rua, para provar qualquer coisa que só ela entende. De que eu gosto dela? De que eu não gosto?

Segue o meu olhar. Um avião atravessa o céu, recortando as nuvens que parecem suficientemente sólidas para travar a sua trajetória.

– O 747 – diz a Sophia.

Respiro fundo. A distração tinha funcionado.

– Não, não, é um A380. Não tem o alto na frente, estás a ver? – Sento-a com cuidado e ela mostra-me as luvas encharcadas pela neve.

— Coitadinha da Sophia. Olha, está ali a igreja. O que é que vem depois?

— De-depois é a escola.

— Então já estamos mesmo ao pé — digo eu, o meu sorriso luminoso torna-se um tapete para debaixo do qual o desastre tinha sido varrido. A minha mala — ou melhor, a mala da Sophia — virara-se e o recheio tinha-se espalhado pelo pavimento. Eu volto a enfiar a muda de roupa lá para dentro e corro para apanhar a garrafa de água que rebolava para longe, jogando às escondidas com o nome da minha filha em cada rodopio.

— Isto é teu?

O homem com quem eu tinha chocado está a tentar dar à Sophia um objeto que segura nas mãos. É o Elefante, o tronco reluzente e esborrachado pelo punho e por cinco anos de amor.

— Dá-me isso, é meu! — grita a Sophia, ainda que recue um passo para se esconder atrás de mim.

— Peço imensa desculpa.

— Não faz mal.

O homem parece imperturbável com a falta de educação da minha filha. Eu não devia pedir desculpa em seu nome. Isso contradiz o que ela está a sentir, quando o que ela precisa é de apoio. Mas é difícil ficar calada diante de umas sobrancelhas levantadas e de um juízo que te condena por não teres ensinado melhores maneiras à tua miúda. Eu pego no Elefante, a Sophia arranca-o das minhas mãos e encosta-o na cara.

O Elefante viera da casa onde a Sophia tinha passado os primeiros quatro meses de vida. É a única coisa que ela conserva daquele tempo, embora ninguém saiba se realmente lhe pertencia ou se lho puseram nas mãos no dia em que a levaram aos cuidados da assistência social. De qualquer modo, agora são inseparáveis.

Ela agarra o Elefante pelo tronco até chegarmos à escola e, aí, mostra as luvas molhadas à professora Jessop, enquanto eu lhe penduro o casaco e ponho o chapéu e o cachecol dentro do bolso. Estamos a 17 de dezembro e na escola ouvem-se vozes cantarolando baixinho em antecipação. Bonecos de neve de algodão em rama

dançam no meio de folhas de cartolina agrafadas aos quadros, e várias professoras usam brincos natalícios, lóbulos bem vermelhos que tanto podem significar um sinal de festa ou de alarme. Os mosaicos do chão estão molhados, pedaços de neve meio soltos estampados na porta e depois arrastados até aos cabides.

Pego na lancheira e levo-a à professora Jessop, enquanto continuo a vasculhar o bolso. A Katya costumava esvaziá-lo todos os dias, removia dedadas pegajosas e reciclava os desenhos menos conseguidos. Eu tento fazer a mesma coisa, por isso todas as tardes largo a mala no corredor de casa e não volto a pensar nisso até estar a caminho da escola na manhã seguinte.

— Tudo pronto para o Natal?

A professora da Sophia é muito pequena e tem uma pele suave, o que podia querer dizer que estava no meio da casa dos vinte ou que era uma mulher de trinta bem conservada. Penso em todos os produtos da Clarins que andei a comprar durante estes anos todos nas lojas de *duty-free*, em todos os tratamentos de limpeza de pele que comecei, cheia de boas intenções, até voltar aos toalhetes humedecidos. Aposto que a professora Jessop limpa, tonifica e hidrata.

— Mais ou menos.

Há um torrão de gelo pendurado na camisola de reserva, o tecido à volta ficou frio e húmido. Eu sacudo-o e então retomo a minha busca infrutífera pelos pedaços da caixa de cartão do ovo e pela embalagem vazia do sumo.

— Não consigo encontrar a *Epi-pen,* a caneta de epinefrina. Ainda tem a que eu lhe dei?

— Sim, tenho, não se preocupe. Está no gabinete médico, com o nome da Sophia escrito.

— As minhas fitas do cabelo têm a cor errada — declara a Sophia.

A professora Jessop dobra-se para conferir as tranças da Sophia, uma estava atada com uma fita vermelha e a outra com uma fita azul.

— Que fitas tão bonitas.

— Na escola eu uso sempre duas azuis.

— Está bem, mas eu gosto muito destas.

A professora Jessop volta-se para mim outra vez e eu fico maravilhada com a sua habilidade para ter a última palavra enquanto a minha discussão com a Sophia sobre as fitas do cabelo se prolongou durante todo o pequeno-almoço e a maior parte do caminho para a escola.

— Não se esqueça de que amanhã temos o almoço de Natal da escola, de maneira que não traga almoço de casa.

— Entendido. Hoje vai ser a *baby-sitter* que a vem buscar. A Becca. Acho que já a conhece.

— Não vem o senhor Holbrook?

Fitei-a durante um instante, perguntando-me se aquele sorriso escondia mais qualquer coisa. Deceção? Culpa? Mas a sua expressão é tão inocente que eu olho para o lado e volto a dobrar a camisola molhada da Sophia. Maldito Adam, por me transformar nesta espécie de mulher paranoica que eu sempre desprezara.

— Ele não tinha a certeza de sair do trabalho a tempo de a vir buscar, por isso foi mais seguro arranjar uma *baby-sitter*.

— Para onde é que vai hoje?

— Para Sydney.

— Num Boeing 777 — diz a Sophia. — Com trezentos e cinquenta e três passageiros. Demoram vinte horas para lá chegar e depois têm de voltar, são mais vinte horas, mas antes ficam num hotel.

— Uau! Que emocionante. Quanto tempo vai estar fora?

— Cinco dias. Vou voltar mesmo a tempo das férias.

— Têm de levar quatro pilotos, por ser uma viagem tão grande, mas não pilotam todos ao mesmo tempo, fazem turnos.

A Sophia sabe todos os detalhes de todos os aviões em que eu voo. Há uma visita guiada a um 747 no YouTube que ela deve ter visto umas cem vezes. Ela sabe tudo de trás para a frente, os seus lábios mexem-se silenciosamente ao mesmo tempo que os do narrador. É um talento impressionante.

— Às vezes eu acho que é um bocadinho sinistro — disse eu ao meu pai, juntando um sorriso para suavizar a declaração. O Adam e eu tínhamos descoberto recentemente que a Sophia não recitava de cor as palavras do seu livro favorito de gravuras, como nós tínhamos pensado, lia-as. Tinha três anos.

O meu pai rira-se. Tirou os óculos e esfregou-os na fralda da camisa.

— Não sejas tonta. Ela é uma miúda esperta. Está destinada a coisas grandes. — Os olhos dele cintilaram e eu tive de piscar os meus com força. Tinha tantas saudades da mãe como eu, mas também me perguntava se não se estaria a lembrar do tempo em que diziam a mesma coisa de mim.

A psicóloga tinha concluído que a Sophia tinha hiperlexia, o primeiro diagnóstico positivo que lhe fizeram num mar de acrónimos e rótulos negativos. Transtorno de apego. Défice de atenção. Evitação patológica às demandas. Não põem nada *disto* nos cartazes de incentivo à adoção.

Durante alguns anos, eu e o Adam tínhamos tentado tudo para eu engravidar. Podíamos ter continuado, mas o stresse estava a começar a ser demasiado para mim e eu já sentia que me estava a transformar *naquela mulher*. A mulher que sabe exatamente quando está a ovular, que evita as reuniões de bebés das amigas e gasta as poupanças em ciclos de fertilização *in vitro*.

— Quanto é que custa?

Eu estava algures por cima do Atlântico, revelando os meus segredos, pelo menos alguns deles, à minha colega daquele dia. A Sian era amável e maternal, e quando o avião levantou voo já nós trocávamos as histórias das nossas vidas.

— Milhares.

— Os teus pais não podiam dar uma ajudinha?

Eu não lhe disse nada sobre a minha mãe, a ferida ainda estava viva. E pedir dinheiro emprestado ao meu pai, depois do que se tinha passado... Abanei a cabeça e mudei o rumo da conversa.

— Não é só pelo dinheiro. Eu ia ficar obcecada, tenho a certeza. Já estou. Eu quero ter filhos, mas também quero ficar bem da cabeça.

— Nem por todo o ouro do mundo. — A Sian fungou. — Eu tenho quatro e cada um bem que me põe maluquinha.

Recebemos a aprovação para poder adotar. Demorou bastante, talvez porque tivéssemos deixado bem claro, desde o princípio, que queríamos uma criança com menos de um ano. A profissão de

polícia do Adam pusera-o em contacto com alguns dos piores produtos oriundos dos Serviços Sociais e nenhum de nós acreditava ter o que fazia falta para lidar com isso. Pensámos que um bebé seria mais fácil.

A Sophia foi-nos oferecida quando tinha quatro meses, estava nos Serviços Sociais depois de ter sido tirada a uma mãe negligente cujos cinco filhos anteriores tinham seguido o mesmo caminho. No entanto, toda a engrenagem dos serviços de adoção move-se muito lentamente, e os meses em que ela esteve com uma família de acolhimento, e não connosco, foram intermináveis. Tivemos de mostrar à Segurança Social que estávamos preparados, mas, ao mesmo tempo, andávamos cheiinhos de superstições, o Adam evitava passar por debaixo de escadotes e não deixava que nenhum gato preto se atravessasse no caminho. Chegámos então a um acordo que consistia em ir enchendo o recém-pintado quarto da Sophia com tudo o que tínhamos comprado, mas sem desempacotar, pronto para ser devolvido no caso de alguma coisa correr mal.

A ordem do tribunal chegou quando ela tinha dez meses, o Adam foi a correr para um centro de reciclagem com o carro cheio de embalagens de cartão e de plástico. Finalmente, tínhamos a nossa família. Os filmes fazem-nos acreditar que depois é logo *felizes-para-sempre*, acontece que tens de trabalhar no duro para isso.

Agora, vejo a Sophia a correr para ir ter com os seus amigos e fico a observá-la através do vidro da janela. Apesar de já estarmos no final do trimestre ainda há lágrimas nos olhos de meia dúzia de crianças no momento da despedida. Suponho que esses pais olham para a Sophia e pensam *que mamã sortuda,* tal como eu olho para as crianças agarradas às suas mamãs e penso a mesma coisa.

De regresso a casa deixo um recado para a Becca, a aluna do secundário que toma conta da Sophia de vez em quando. Ponho uma lasanha a descongelar, para o caso do Adam não chegar a horas de jantar, e deposito uma toalha lavada na cama do quarto de hóspedes, apesar de ele saber muito bem onde está o roupeiro. É difícil quebrar um hábito de uma década em que nos dedicámos a cuidar de alguém.

— Porque é que não posso dormir na tua cama? — disse ele, na primeira vez.

Eu respondi calmamente. Não só por causa da Sophia, mas também porque não queria que nos magoássemos mais do que já nos tínhamos magoado.

— Porque já não é a *nossa* cama, Adam. — Deixara de ser *nossa* no dia em que a Katya se foi embora.

— Porque é que estás a ser assim?

— Assim como?

— Tão fria. Como se mal nos conhecêssemos. — A sua cara enrugou-se. — Eu amo-te, Mina.

Abri a boca para lhe responder que eu já não sentia o mesmo, mas não o consegui fazer.

Tínhamos tentado aconselhamento matrimonial, claro. Não tanto por nós, pelo bem da Sophia. Os seus problemas com o transtorno de apego estavam bem assentes numa memória forte do tempo em que chorar não lhe trazia consolo. Se nós nos separássemos definitivamente, o que é que lhe ia acontecer? A Sophia estava habituada às noites em que o Adam estava fora a trabalhar — a eu estar ausente vários dias de cada vez — mas voltávamos sempre a casa.

O Adam foi, no máximo, monossilábico, tão evasivo com a conselheira como era comigo. Em julho, aceitou sair de casa.

— Preciso de tempo — disse-lhe eu.

— Quanto?

Não fui capaz de responder, não sabia. Vi-o hesitar à volta das malas, a enfiar uma dentro da outra, como se fossem bonecas russas retangulares. Um certo otimismo levara-o a escolher a mais pequena. Os recursos humanos tinham-lhe encontrado um quarto numa casa com três recrutas, cheios de entusiasmo e cerveja barata, que se excediam com as proezas da sua farda nova.

— Não posso levar a Sophia para lá. Não dá.

Portanto, preparei-lhe a cama de hóspedes e, quando vou trabalhar, o Adam fica cá — não sei se é mais penoso para ele, ou para mim.

Visto a minha farda e verifico a bagagem de mão duas vezes. O voo de hoje é muito importante. O último voo sem escalas de Londres a Sydney foi em 1989 – um evento publicitário realizado com vinte pessoas a bordo. Os voos comerciais não têm sido possíveis – demorou anos a desenvolver um avião que aguentasse aquela distância e que transportasse uma grande quantidade de passageiros.

Deixo um bilhete na cama da Sophia – um coração de feltro com *a mamã adora-te* por debaixo –, é uma coisa que eu faço desde que ela aprendeu a ler.

– Viste o meu bilhete? – perguntei-lhe eu uma vez, quando estava a ligar por videochamada para lhe dizer boa noite. Não me lembro onde estava, mas ainda havia muito sol, e a imagem da Sophia toda fresquinha a sair do banho mergulhou-me numa onda de saudades.

– Que bilhete?

– Na tua cama. Deixei-o na almofada. Como sempre. – Estar longe de casa fazia-me ser injusta, queria que a Sophia tivesse saudades minhas só porque eu as tinha dela.

– Adeus, mamã. A Katya e eu estamos a fazer uma cabana. – O ecrã tremeu e eu vi-me a olhar para o chão da cozinha. Desliguei antes da Sophia ter pena de mim.

Sintonizei a Radio 2 no caminho para o aeroporto, mas o sentimento de culpa continua a bater forte e a fazer-se ouvir.

– As pessoas têm de trabalhar – disse eu em voz alta. – É um facto da vida.

Disse ao Adam que tinha havido uma mudança de turnos, que me tinha tentado escapar, mas que ia estar fora durante cinco dias. Realmente o que é que se podia fazer? Trabalho é trabalho.

Menti.

DOIS

9H00 | ADAM

— O chefe quer falar contigo.

Os ácidos roem-me por dentro enquanto me esforço por conseguir que tudo pareça normal. Alguma vez veio alguma coisa boa destas cinco palavras?

— Ah, está bem. — Sento-me à secretária. De repente as minhas mãos são demasiado grandes, demasiado desajeitadas, como se estivesse em frente de uma grande audiência em vez do olhar curioso do Wei.

— Neste momento, está lá dentro com a inspetora-chefe.

— Obrigado. — Olhei para o ecrã com ar carrancudo. Remexo nos papéis da secretária, como se estivesse à procura de alguma coisa. Tenho de fazer o relatório de um roubo, registar a queixa relativa a um assalto, registar as declarações por causa de lesões corporais agravadas que podiam ter terminado num assassinato se o tipo não se tivesse fugido — esse é o trabalho em que tenho de concentrar-me — mas em vez disso estou a suar do pescoço e a perguntar-me se isto vai acabar aqui, se isto é o meu fim. Sinto o Wei a observar-me e penso que talvez ele já saiba porque é que a Butler me quer ver.

Flocos de neve macios vão pousando do outro lado do parapeito. Do lado de dentro, uma chamada telefónica ignorada vai sendo transferida de uma secretária vazia para outra, até que alguém fica com pena de quem está a ligar e atende. Encontro o dossiê do caso de lesões corporais agravadas e faço uma digitalização da lista de testemunhas. Podia ficar fora do escritório durante o resto do dia, a tratar daquele assunto, e se eu não ouvisse o recado do inspetor, bem, era porque eu estava a tomar nota de uma declaração, ou estava

ao telefone com o Serviço de Apoio às Vítimas. Enfio o dossiê na mochila e levanto-me.

— Espero que esteja a caminho do meu gabinete, sim?

A voz é suave, quase agradável, mas eu não fico tranquilo. Já vi bastantes agentes da polícia serem recebidos com um sorriso no gabinete da inspetora-chefe Naomi Butler, antes de saírem de lá com uma cópia assinada de uma denúncia formal amargamente apertada no punho.

— Por acaso, tenho de...

— Isto não vai demorar.

A Butler não me deixa espaço para argumentar, sai do gabinete da Investigação Criminal e vai pelo corredor em direção ao seu gabinete, de maneira que eu não tenho outra alternativa senão segui-la. Está a usar uns ténis brancos Converse, com umas calças às riscas e uma blusa de seda cinzenta metida dentro de um cinto com desenhos a imitar pele de leopardo. Tem uma pequena argolinha de prata presa na ponta de cima da orelha. Vou atrás dela, como um miúdo a caminho do gabinete do diretor, repassando mentalmente todas as razões possíveis pelas quais ela me quer ver e terminando com a única que importa. A tal que me pode fazer perder tudo.

Quando a Naomi Butler tomou posse como inspetora-chefe, arrastou a enorme secretária para longe da janela e pô-la em frente da porta de vidro que, neste momento, ela está a fechar, o que significa que eu não tenho mais remédio senão sentar-me com as costas para o corredor. Tenho a certeza absoluta de que nos próximos minutos Wei há de encontrar uma razão para passar em frente da porta, com o único propósito de descobrir qual vai ser o nível da repreensão que eu vou receber. Endireito-me. Pode-se concluir muitas coisas pela posição das costas de uma pessoa, e eu passava bem sem o Wei ir a correr contar ao resto do grupo que eu me tinha ido abaixo no gabinete da chefe.

— Como é que estão as coisas? — A inspetora sorri, mas o seu olhar é duro. Os seus olhos fixam os meus com tal firmeza que até me provocam dor, e tenho de os piscar para quebrar o bloqueio. Um ponto para a Butler. O blusão de *motard* que ela usa sempre, não

importa que tempo faça, está pendurado nas costas do seu cadeirão, e quando se inclina para trás o cabedal range de queixume. Tem um aparelho de rádio da polícia em cima da mesa, sintonizado num canal local. Correm rumores de que nunca o desliga, nem em casa, e que aparece logo em qualquer evento que lhe desperte interesse.

— Tudo bem.

— Sei que teve problemas domésticos.

— Nada com que eu não possa lidar. — Será possível que me queira dar aconselhamento matrimonial? Reparo na marca que ela tem na pele do seu quarto dedo e questiono-me quem deixou quem. Ela percebe o meu olhar — claro que sim — e o sorriso desaparece-lhe da cara.

— Tem um telefone de serviço?

A pergunta faz-me baixar a guarda. É uma mera questão logística, mas, como já deve saber a resposta, isto deve ser a sua introdução.

— Tenho.

Lê o meu contacto no seu bloco de apontamentos e diz o meu número em voz alta, eu confirmo com a cabeça. A vontade de fugir é tão grande que tenho de me agarrar aos braços da cadeira para impedir de me levantar.

— O departamento de finanças sinalizou a sua conta de telefone.

Fica um silêncio pesado a pairar entre nós, os dois à espera de que seja o outro a quebrá-lo. Vou-me abaixo primeiro. Mesmo que se conheçam as regras, é difícil controlarmo-nos e não entrar no jogo. Dois a zero para a Butler.

— Ah sim?

— É acentuadamente maior do que qualquer outra no departamento.

Sinto uma gota de suor a escorregar pela cara. Se a limpar, ela vê. Inclino ligeiramente a cabeça, só para sentir uma possível gota do outro lado.

— Tive de tratar daquela vítima de assalto. A que se foi embora para França.

A inspetora-chefe assentiu devagarinho.

— Estou a ver.

Mais silêncio. Nunca vi a Butler interrogar um suspeito, tem a reputação de ser escaldante e, neste momento, isso não me surpreende. Aquele olhar firme que nem uma pedra, eu não consigo devolvê-lo sem me pôr à defensiva e parecer culpado. O meu pulso acelera, um músculo no canto do meu olho esquerdo treme. A Butler não consegue deixar de reparar. Ela vê tudo. E vai ficar a saber que eu estou a mentir.

Fecha o caderno de apontamentos, estica-se na cadeira, como para dizer que *o mau bocado já passou – que agora já é só oficioso*, mas não me deixo enganar. Todos os meus músculos estão tensos, como se estivesse apoiado num bloco de partida, pronto para arrancar. Penso na Mina, no seu caminho para o trabalho, e em todas as razões pelas quais eu não queria que ela fosse, e fico feliz por ter cinco dias à minha frente até a voltar a ver.

– Vão-me mandar uma conta detalhada – diz a Butler. – Mas se houver alguma coisa que, entretanto, me queira contar...

Franzo o rosto, como se não tivesse ideia do que ela está a dizer.

– Porque eu assumo que sabes que os telefones de serviço não podem ser usados para chamadas pessoais.

– Claro.

– Então está tudo certo.

Pego na deixa e levanto-me. Digo «Obrigado», sem pensar porquê. Pelo alerta, suponho, pela oportunidade de poder preparar a minha defesa, ainda que os melhores advogados do mundo todos juntos não sejam capazes de dar a volta a esta história de maneira a livrar-me dela.

O que aconteceu com a Katya é o menor dos meus problemas. Quando a Butler vir aquela conta de telefone, é o fim.